

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E POLÍTICAS
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ANA LIDIA OLIVEIRA DA ROCHA

**REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA EM SÉRIES.**

Rio de Janeiro

2021

ANA LIDIA OLIVEIRA DA ROCHA

**REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA EM SÉRIES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Administração Pública.

Orientador: Marina Dias de Faria

Rio de Janeiro - RJ

2021

Dedico este trabalho a Ana Lidia de 2015 e estou aqui para dizer que você superou seus medos, além de demonstrar coragem e desejo de viver a vida.

Dedico este aos meus pais, Adriana e Jorge. Obrigada por me criarem tão bem, por me amarem e por acreditarem no meu potencial. Tenho a honra em dizer que sou sua filha.

À minha irmã Ana Alice, que acreditou no meu tema e sempre me apoiou.

Ao meu sobrinho Heitor, obrigada por ser minha inspiração e por ser esse menino incrível.

Obrigada por tudo. Este trabalho é para vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus toda honra e toda glória por este momento de extrema felicidade. Agradeço a Ele que me deu forças para enfrentar momentos difíceis e por ter permitido tantas oportunidades na Unirio.

Agradeço especialmente ao meu pai Jorge, a minha mãe Adriana e a minha irmã Ana Alice. Sem vocês três eu não teria chegado até aqui. Obrigada por me salvarem em diversos momentos em que ansiedade me dominava e obrigada por acreditarem no meu potencial. Essa conquista é nossa. Eu amo vocês.

Gostaria também de agradecer aos meus irmãos, Fábio e Ana Paula por todo apoio, vocês são um exemplo para mim. Agradecer aos meus cunhados Renata e Alex. E aos meus sobrinhos amados Esther, Guilherme, Lara, Heitor e Marcelo. Obrigada, eu amo vocês.

À minha segunda família, Arlete, Bira, Mayra e Beatriz. Eu agradeço por cuidarem de mim em 2015. Obrigada por todo apoio e amor durante todos esses anos.

Agradeço à minha avó Luzia, por todo cuidado, amor e dedicação nesses anos. Agradeço também a alguns familiares, primos, tios, padrinhos e amigos que estiveram comigo nessa jornada.

Gostaria de agradecer à minha orientadora Marina Dias de Faria por todo apoio durante a elaboração deste trabalho. E também destacar a importância da professora para a Escola de Administração Pública devido a sua dedicação para com os alunos.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos e colegas que me ajudaram durante meus oito períodos da Unirio, principalmente Aline, Thayanne e Atália que nunca me deixaram desistir.

Agradeço à minha afilhada Esther, que foi luz em tempos de escuridão, e é tudo pra dinda. Obrigada por seu amor.

*“Toda pedra no caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver”*

(Roberto Carlos)

*“As coisas que eu imaginei se tornando
realidade, meus sonhos de infância estão diante
dos meus olhos. [...] Minha primeira e única
vida, eu posso facilmente vivê-la de forma
apaixonada, mais do que qualquer outro”*

(August D- Suga)

RESUMO

Os textos culturais desempenham um papel fundamental quanto à perpetuação ou à extinção dos estereótipos e estigmas com relação as representação das vivências e realidades dos diversos grupos sociais oprimidos, como as pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Nesse sentido, o objetivo principal desta monografia é analisar a representação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista em séries. Com base na metodologia de análise de textos culturais foi possível selecionar as séries *The Good Doctor*, *Atypical* e *Parenthood* para elaboração de uma análise de conteúdo que analisasse representações das pessoas com TEA na sociedade. O objetivo intermediário levantar textos culturais audiovisuais que tem entre seus personagens pessoas com Transtorno do Espectro Autista buscou encontrar os mais diversos textos culturais com personagens com Transtorno do Espectro Autista. É necessário que cada vez mais existam representações sobre pessoas com TEA, bem como os autores devem estar atentos à realidade, evitando situações que reforçam estereótipos. Para a administração pública sugere-se a elaboração de políticas públicas que informem sobre o TEA para a sociedade. Esta pesquisa não se esgota quanto aos resultados encontrados, visto que é necessário entender a importância das representações das pessoas com TEA, que enfrentam dificuldades quanto à inclusão social.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Autismo, Síndrome de Asperger, Estereótipos e estigmas, Textos Culturais.

ABSTRACT

The cultural texts play a fundamental role in the perpetuation or the extinction of stereotypes and stigmas regarding the representation of the experiences and realities of several oppressed social groups, such as people with Autism Spectrum Disorder. In this matter, the goal of this monography is to analyze the representation of people with Autism Spectrum Disorder in TV shows. Based on the methodology of cultural text analysis it was possible to select the series "The Good Doctor", "Atypical" e "Parenthood" to develop a content survey to analyze representations of people with ASD in society. The intermediate objective of surveying audiovisual cultural texts which have among their characters people with Autistic Spectrum Disorders sought the most diverse cultural texts with characters with Autistic Spectrum Disorders. It is necessary to have more and more representations about people with ASD, and the authors must be aware of reality, avoiding situations that reinforce stereotypes. To the public administration is suggested the development of public policies that inform society about ASD. This research is not limited to the results found, since it is necessary to understand the importance of the representations of people with ASD, who face difficulties with regard to social inclusion.

Key-words: Autism Spectrum Disorder, Autism, Asperger's Syndrome, Stereotypes and stigmas, Cultural texts.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Seleção de séries.....	24
Tabela 2- Características do personagem Sam Gardner.....	24
Tabela 3- Características do personagem Shaun Murphy.....	25
Tabela 4- Características dos personagens Max Braverman e Hank Rizzoli.....	25
Tabela 5- Assuntos a serem abordados na Análise de Resultados.....	26
Tabela 6- Objetivo intermediário.....	45
Tabela 7- Sugestão de estudos futuros.....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 O problema	10
1.2 Objetivo	11
1.3 Delimitação	11
1.4 Relevâncias da pesquisa	12
1.5 Estruturas da Monografia	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 A maternidade e o sentimento de culpa	13
2.2 A educação para as pessoas com deficiência	15
2.3 Pessoas com Deficiência e o Mercado de Trabalho	16
2.4 Sexualidades das pessoas com deficiência	18
2.5 Importância da representação em textos culturais com relação a criação de estereótipos e estigmas	20
3. METODOLOGIA	23
4. ANÁLISE DE RESULTADOS	27
4.1 Relações Interpessoais	28
4.1.1 As relações entre a maternidade e o TEA	28
4.1.2 As relações entre as pessoas com TEA e seus familiares	30
4.1.3 As relações Interpessoais das pessoas com TEA com a sociedade	34
4.2 A educação para as pessoas com TEA	37
4.3 O Mercado de Trabalho para pessoas com TEA	39
4.4 Sexualidades das pessoas com TEA	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

1.1 O problema

Silva, Passos e Freitas (2018) defendem que as séries e outras formas de textos culturais permitem uma experiência social, através de uma troca de ideias e conhecimentos, quebrando barreiras, expressando culturas e valores a partir da combinação de lugares e tempo. Ademais as mídias, como exemplo, as séries, apresentam possibilidades de vivências sensoriais a partir do momento em que ocorre uma conexão com personagens ou a trama. O cinema e os filmes permitem o reconhecimento de formas de comportamentos, de pensar e de agir das pessoas e ainda criam e recriam diferentes vivências e realidades (CRESTANI; SILVA, 2021).

Os autores Pinheiro, Barth e Nunes (2016) ressaltam que é crescente o número na audiência a cada episódio ou lançamento de séries. A cada ano, as principais emissoras de televisão Americana lançam 200 novas temporadas, de séries em andamento ou estreias. As séries conquistaram espaço nas mídias e do público que é instigado com personagens e histórias mais e mais complexas.

Conteúdos como os produzidos em séries incorporam elementos da realidade, mas também podem modular, redimensionar e recriar essa mesma realidade (SILVA; PASSOS; FREITAS, 2018, pg. 2)

As séries podem representar vivências de pessoas reais, nesse sentido, os conteúdos desta obra e de outros textos culturais podem quebrar ou reforçar os estereótipos e os estigmas que diversos grupos oprimidos enfrentam. Sendo assim, para Florencio e Faria (2021) as pessoas com deficiência pertencem a grupos oprimidos têm suas representações estereotipadas e estigmatizadas em diversos textos culturais.

Por isso é necessário que a informação transmitida em textos culturais, no caso as novelas, seja bem cuidada para evitar os estigmas e preconceitos, que prejudicam o desenvolvimento da sociedade. Pois as novelas influenciam a maneira como as vivências sociais são vistas e se essa vivência é estereotipada, a ideia que a sociedade interpreta dessa realidade será deturpada. Pois a sociedade tem as novelas como um instrumento de reflexão sobre temas que dificilmente são discutidos na sociedade (SCORALICK, 2010).

Conforme exposto acima, determinadas representações reforçam estereótipos e estigmas na sociedade, sendo assim, esta pesquisa terá como problema: Como as pessoas com Transtorno do Espectro Autista são representadas em séries?

1.2 Objetivo

Segundo Vergara (2006) o objetivo principal é o resultado que a pesquisa busca alcançar, neste trabalho o objetivo principal é analisar a representação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista em séries. Como também, adicionalmente, tem-se como objetivo intermediário levantar textos culturais audiovisuais que tem entre seus personagens pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

1.3 Delimitação

A pesquisa em questão tem sua delimitação de estudo, focada em analisar a representação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em séries.

A Lei 12.674, de 27 de dezembro de 2012, que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista ou conhecido como Lei Berenice Piana, no parágrafo 2, determina que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os fins legais e o artigo um descreve o Transtorno do Espectro Autista como:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

Para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (2014) pessoas com Transtorno do Espectro Autista apresentam déficits na comunicação e interações interpessoais em diversos contextos. São características do TEA prejuízo persistente na comunicação interpessoal, padrões restritos e repetitivos de comportamento. Muitas pessoas com TEA apresentam dificuldades intelectuais e/ou de linguagem.

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al*, 2014, pg. 53).

Com base na organização de transtornos da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), da Organização Mundial de Saúde (OMS), o DSM-5 aprimorou alguns termos para

facilitar o diagnóstico, visto que alguns transtornos mentais ultrapassam um único diagnóstico. Sendo assim, dentre as mudanças está a fusão entre o Transtorno do Espectro Autista, Transtorno de Asperger e Transtorno global de desenvolvimento. Visto que os sintomas desses transtornos apresentam similaridades.

Fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista. Os sintomas desses transtornos representam um continuum único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al*, 2014).

Devido à pandemia da Covid-19, medidas sanitárias para distanciamento social foram tomadas a fim de evitar uma calamidade, uma dessas medidas foi a quarentena. As atividades de lazer da sociedade foram comprometidas, houve aumento significativo no acesso aos textos culturais, como *streamings*, redes sociais, telejornalismo e televisão (CLEMENTE; STOPPA, 2020).

Como reforçado por Vieira e Costa (2021) que destacam que mudanças na rotina familiar devido ao isolamento social ocasionaram o aumento no consumo de textos culturais audiovisuais por meio do acesso aos *streamings*, os autores também ressaltam que o aumento no acesso às plataformas de *streamings* indica que o público se conecta a programas diversificados.

1.4 Relevâncias da pesquisa

De acordo com Scoralick (2010) a representação social em textos culturais é importante quanto ao desenvolvimento da identidade da sociedade, tanto pessoal quanto coletivo. Barreto, Medeiros e Paula (2020) discutem que a mídia constrói identidades e reforça estereótipos, pois as informações que chegam até a sociedade são decididas por um seleto grupo de pessoas que têm apenas opiniões sobre a deficiência e defendem que os textos culturais, para mudar determinadas interpretações sobre grupos sociais devem representar sempre que possível às vivências e contextos vividos por grupos sociais.

Aranha (2001) demonstra que a inclusão social deve ser um processo, onde a pessoa com deficiência demonstra suas reais necessidades e desejos à sociedade, possibilitando ajustes e providências para acesso e convívio em um espaço não discriminatório. Porém, esse

processo diz respeito a toda sociedade, pois não existe inclusão social se a sociedade não for democrática, com ampliação de debates e tomada de decisões diversificadas.

Para Moraes e Scoralick (2021) a presença de pessoas com deficiência (PCDs) no telejornalismo, abre precedentes para uma ruptura nos padrões de corpos, bem como, propicia a inclusão destes indivíduos em outros gêneros televisivos. Porém, destacam que essa representatividade é importante para o reconhecimento e identificação da pessoa com deficiência como cidadão.

1.5 Estruturas da Monografia

Após a seção Introdução, o capítulo Revisão de Literatura, dividido em quatro subcapítulos: O primeiro apresenta o papel da mulher quanto a criação de um filho com deficiência e destaca a influência do diagnóstico na perpetuação de um sentimento de culpa nos familiares. O segundo e terceiro, falam sobre a formulação de leis para inclusão de PCDs na educação e no mercado de trabalho, bem como estar nesses ambientes corrobora para autonomia desses indivíduos. O terceiro apresenta discussões acerca da sexualidade de PCDs na sociedade e a necessidade de um espaço de discussão sobre o tema. E o quarto discursa sobre os textos culturais e sua influência na manutenção de estereótipos e estigmas na sociedade.

O capítulo Metodologia terá como objetivo analisar a representação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista em séries, a partir da metodologia de Análise de Textos Culturais. Nesta seção, constam limitações encontradas para elaboração desta monografia e também a seleção de sujeitos, no caso as séries e tabelas com informações sobre as características dos personagens que terão suas histórias analisadas.

O capítulo de Análise de Resultados será realizado através da análise de conteúdo dos textos culturais, este capítulo tem subcapítulos que permitirão melhor compreensão acerca das representações. Com base na análise de resultados, será possível traçar sugestões acerca do tema que poderão contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A maternidade e o sentimento de culpa

Para Moreira (2000 *apud* WELTER *et al.*, 2008) a mulher-mãe tem sua representação inserida no contexto de boa mãe. O desempenho da maternidade quando não correspondido

gera sentimentos de culpa, frustração e impotência. Welter *et al.* (2008) destacam que o tema mãe-mulher encontra problemas no mundo globalizado e capitalista, onde não existe igualdade que faz com que os papéis e responsabilidades sobre o filho, recaem sobre a mulher que encontra maior dificuldade em exercer essa função.

Crisostomo, Grossi e Souza (2019) sintetizam que o diagnóstico da criança com deficiência, bem como a descoberta da mesma, geram frustrações e sentimentos negativos as mães e outros familiares, sendo fundamental atribuir ao psicólogo a função de acolher e oferecer atendimento psicológico a essas mães, para oferecer a oportunidade de lidar com dificuldades ocasionadas pelo diagnóstico.

A família é a primeira instituição que a criança tem contato e é a partir dela que a criança se espelha e se assemelha perante suas atitudes e valores. O nascimento de um filho vai reestruturar a formação da família, entretanto diante do diagnóstico de deficiências os pais se frustram e buscam forças para enfrentar os desafios impostos pela sociedade, devido aos reflexos dos preconceitos advindos desde a antiguidade. Na busca de enfrentarem o desafio da inclusão na sociedade, a família se torna a principal base para a criança. É nesse pensamento que se destaca a importância da família para a formação e a construção do desenvolvimento e da autonomia dessa criança perante as suas limitações (MASSOLI; ALVES; ESPER, 2020, pg.7).

Segundo Zanatta (2014) conviver com o autismo infantil é, para a família, uma tarefa árdua, difícil, cansativa e, por vezes, dolorosa. Planejar uma gestação implica em almejar um filho perfeito, porém quando se descobre que seu filho começa a apresentar problemas de dificuldade de fala, comportamentos repetitivos e estereotipados, bem como dificuldade de se relacionar com outras pessoas, os sonhos não correspondidos levam a uma realidade desconhecida que exige uma estruturação familiar. [...] Quando se descobre o diagnóstico do Autismo, as incertezas dominam o ambiente familiar. A criança passa a ser infantilizada por limitações provenientes do autismo e a mãe assume integralmente os cuidados com o filho, o que a sobrecarrega.

Após publicação de Leo Kanner “*Autistic disturbances of affective contact*” de 1943, as mães de crianças com autismo se encontravam na categoria de “mães pouco afetivas”, recebendo também o título de mãe-geladeira. Nos anos 50, Bruno Bettelheim reforçou as ideias de Leo Kanner ao conceituar “mãe-geladeira” a partir de um momento em que a culpa se tornava um importante instrumento para o discurso moral e científico (LOPES, 2019).

“Mãe-geladeira” foi uma expressão utilizada a partir da década de 1940 para se referir às mães de crianças diagnosticadas com autismo. Sua elaboração realizou-se num período de acentuação da maternidade compulsória e da elaboração da dicotomia “mãe boa” versus “mãe má”, sendo a primeira àquela que se dedica exclusivamente ao papel de mãe e exerce tal função levando em consideração os

saberes dos ditos especialistas. A mãe-geladeira era uma das expressões da “mãe má”. (LOPES, 2019, pg. 18)

Para Battistella-Lima e Botelho (2019) a maternidade varia de acordo com o contexto, sendo que a expectativa social sobre a maternidade é que esta seja uma experiência ideal e onipresente, bem como o sentimento de culpa da maternidade é causado pela percepção de falhas, reais ou imaginárias, no relacionamento com o filho.

A autora Lopes (2019) chega à conclusão de que a trajetória do autismo é em especial a história do sentimento de culpa de mães com filhos com autismo, e também, que a culpa é usada para manipular e criar uma tendência à perpetuação do patriarcado. E Cezar e Smeha (2011) concluem em seu artigo que as mães de crianças com autismo dedicam sua vida aos cuidados com o filho, bem como a experiência da vivência da maternidade é complicada visto que ocorre um excesso de responsabilidades para essas mulheres. Outro ponto a ser destacado é o fato de que essas mulheres necessitam de um espaço para compartilhar sua vivência.

2.2 A educação para as pessoas com deficiência

Toldrá, Marque, Brunello (2010) discutem sobre o fato de que as pessoas com deficiência mental por muitos anos, foram excluídas da sociedade, no que tange seus direitos ao acesso à educação, saúde e mercado de trabalho. Isso se deve, às dificuldades com relações interpessoais e acesso a espaços públicos, escolaridade fraca e falta de independência.

Nunes e Furlan (2021) dizem que a escola é o ambiente onde o indivíduo faz um dos primeiros contatos com as relações sociais, além da família. A escola quanto ao ambiente de interações sociais, ultrapassa os limites do ensino-aprendizagem até o desenvolvimento das habilidades e competências do aluno.

Costa *et al.* (2017) discursam sobre a inclusão de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista em escolas que se manifesta como um desafio para todos aqueles comprometidos com o processo educacional. Os autores também discorrem sobre o papel do educador, bem como a necessidade de que os mesmos devem buscar compreender o potencial e limitações dos alunos TEA, para criar um ambiente pedagógico que promova progressos na escolaridade.

A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) em seu artigo 27 disserta sobre o direito de acesso à educação para as pessoas com deficiência. O parágrafo único

ressalta o dever do Estado, família e sociedade a promover a educação inclusiva e de qualidade para as pessoas com deficiência.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015).

Assim como exposto anteriormente por outros autores sobre a importância e desafios de uma educação inclusiva, podemos citar a fala de Wuo (2019) sobre as atuais políticas de educação inclusiva, dentre as quais:

As atuais políticas de educação especial buscam garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na escola comum. Entre os estudantes considerados “público-alvo da educação especial”, encontram-se aqueles com o denominado “transtorno do espectro do autismo” (WUO, 2019, pg. 1)

A educação inclusiva tem como objetivo acabar com a discriminação que as pessoas com deficiência enfrentam no ambiente escolar, criando um espaço onde a criança ou adolescente possa ter possibilidades de aprendizagem equiparada a dos demais alunos. A escola deve ser um espaço acolhedor que respeite as diferenças, pois as pessoas com deficiência precisam fortalecer conhecimentos e habilidades para assim estar na sociedade de forma autossuficiente (BARBOSA; BEZERRA, 2021).

Conforme Shibuta, Costa e Santos (2021) a presença de alunos com TEA no ensino superior é uma realidade, entretanto limitações tanto para as pessoas com TEA quanto para os docentes são visíveis, é preciso criar um ambiente inclusivo para o aluno e ainda quebrar os paradigmas de exclusão do diferente. Barbosa e Gomes (2019) ressaltam que o acesso da pessoa com TEA ao Ensino Superior, não é garantia de inclusão, pois a inclusão deve se ater a criação de um ambiente de aprendizagem e oportunidades para os alunos.

2.3 Pessoas com Deficiência e o Mercado de Trabalho

Zola (2005) argumenta que as políticas voltadas para pessoas com deficiência devem ser de interesse de toda sociedade. Como reforçado por Oliveira, Junior e Fernandes (2009) que discutem que a formulação de políticas públicas para pessoas com deficiência é um trabalho árduo que busca participação do poder público e da sociedade.

Aranha (2001) apresenta o termo Paradigma dos Suportes que é caracterizado pela ideia de que as pessoas com deficiência não são discriminadas, tendo acesso aos direitos que estão disponíveis aos demais cidadãos. Os suportes funcionam como um instrumento para garantir a inclusão social das pessoas com deficiência.

A inclusão social, portanto, não é processo que diga respeito somente à pessoa com deficiência, mas sim a todos os cidadãos. Não haverá inclusão da pessoa com deficiência enquanto a sociedade não for inclusiva, ou seja, realmente democrática, onde todos possam igualmente se manifestar nas diferentes instâncias de debate e de tomada de decisões da sociedade, tendo disponível o suporte que for necessário para viabilizar essa participação. (ARANHA, 2001, pg.16)

Para Garcia (2014) em razão de anos de exclusão do acesso ao trabalho e da exclusão da sociedade com relação às pessoas com deficiência, tornou-se necessário apoio jurídico para garantir acesso ao mercado de trabalho. Pode-se destacar, como exemplo de apoio jurídico, o artigo 34 da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que determina que as pessoas com deficiência tem direito de acesso ao trabalho, bem como o direito de estar em um ambiente de sua livre escolha que seja acessível e inclusivo, onde exista possibilidade de igualdade de oportunidades diante de outras pessoas (BRASIL, 2015).

A Lei nº 8.213, de 24 de Julho de 1991, que dispõe sobre Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências, sobre as cotas de vagas para pessoas com deficiência. Sendo assim, dentro do limite de funcionários, a empresa é obrigada a preencher as vagas.

Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção:

I - até 200 empregados.....2%;

II - de 201 a 500.....3%;

III - de 501 a 1.000.....4%;

IV - de 1.001 em diante.5%.

V - (VETADO).

De acordo com os resultados do artigo de Ribeiro *et al.* (2014) ainda existem obstáculos para inclusão das pessoas com deficiência na sociedade e no mercado de trabalho, mesmo com empenho e esforços para a inserção no mercado de trabalho. Os autores defendem a Lei de Cotas quanto ao acesso ao mercado de trabalho, porém refutam que a mesma não garante a inclusão das pessoas com deficiência. Deve ser proporcionado às

pessoas com deficiência condições para efetivar sua participação como cidadãos na sociedade, na busca de independência.

LIMA *et al.* (2013) também reforçam os benefícios da Lei de Cotas, pois com a lei as pessoas com deficiência, que teriam dificuldades para conseguir empregos, podem conseguir acesso ao mercado de trabalho, conquistando independência. E chegam à conclusão que o acesso ao mercado de trabalho beneficia as interações do indivíduo com a sociedade.

Para Gomes e Scatolin (2020) a inclusão das pessoas com TEA é necessária em todos os momentos de sua vida, pois a mesma permite o desenvolvimento das qualidades do indivíduo, bem como sua autonomia. E por fim, com base em outros autores, os autores finalizam que a inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho:

Estes mesmos autores citados acima ressaltam que a inclusão do deficiente no mercado de trabalho resulta em uma exposição aos desafios e dificuldades, presentes no meio social mais amplo, tendo chances de crescer e desenvolver suas potencialidades. À medida que forem avançando poderão buscar cada vez mais competências, tornando-os mais capazes de responder às exigências e desafios do mercado de trabalho, reivindicando seus direitos e estabelecendo soluções para as suas dificuldades cotidianas (GOMES; SCATOLIN, 2020, pg. 14).

Toldrá, Marque, Brunello (2010) falam que nos últimos anos, notou-se mudanças quanto ao acesso de pessoas com deficiência ao mercado de trabalho. Essas mudanças se devem ao aumento de discussões sobre os direitos das pessoas com deficiência que garantiram criação de leis sobre inclusão e acesso ao mercado de trabalho.

2.4 Sexualidades das pessoas com deficiência.

Dantas, Silva e Carvalho (2014) dissertam sobre a ideia equivocada de colocar a pessoa adulta com deficiência como uma criança que sempre necessita de cuidados, perpetua o silenciamento dessas pessoas, pois suas escolhas são dependentes da autorização de seus familiares. Porém, reconhecer a capacidade de desenvolvimento da pessoa com deficiência permite protagonismo e empoderamento das suas decisões na sexualidade, na educação e no mercado de trabalho.

Para Bruns e Zerbinati (2017) a sexualidade é fundamental na construção da identidade, envolvendo possibilidades ao desenvolvimento humano que não se reduzem ao ato sexual ou potencialidade reprodutiva, mas se relacionam com plurais experiências vinculares e afetivo-sexuais durante toda a vida humana. A condição das pessoas com deficiência é um terreno fértil para o preconceito em razão de um distanciamento em relação

aos padrões físicos e/ou intelectuais que se definem em função do que se considera ausência, falta ou impossibilidade (SILVA, 2006).

A deficiência não afeta a capacidade civil da pessoa no que tange exercer os direitos sexuais e reprodutivos como consta o artigo 6, inciso II da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (BRASIL, 2015).

Conhecer e esclarecer os mitos e ideias errôneas sobre sexualidade de pessoas com deficiências é uma tarefa importante porque essas crenças podem afetar a todos, quando por meio delas se incentivam as relações de discriminação e de dominação que podem ocorrer entre não deficientes sobre os deficientes, entre homens com deficiência sobre as mulheres com deficiência, entre pessoas com deficiências menos comprometedoras sobre as que têm maior comprometimento etc. (MAIA; RIBEIRO, 2010, pg. 163).

O modo preconceituoso com que a sociedade lida com a sexualidade de pessoas com deficiência tem a ver com a maneira pela qual, em geral, se tratam das diferenças em relação aos padrões definidores de normalidade. Os mitos têm sido usados como justificativa para a segregação de pessoas com deficiência na sociedade. Refletir e esclarecer as questões em torno da sexualidade e da deficiência pode contribuir para superação da discriminação que prejudica os ideais de uma sociedade inclusiva (MAIA; RIBEIRO, 2010).

A sexualidade das pessoas com deficiência é, em geral, negligenciada. A própria ideia básica e fundamental do direito de exercer a sexualidade, assim como o direito à reprodução, estão fora do marco de inteligibilidade sobre a realidade vivida por pessoas com deficiência. Mais difíceis ainda são o reconhecimento e a garantia dos direitos sexuais e direitos reprodutivos de maneira ampla, especialmente para mulheres com deficiência. Preconceitos e discriminações sobre a sexualidade das pessoas com deficiência e a falta de educação e informação sobre sexualidade e direitos dificultam ou impossibilitam a garantia desses direitos para as pessoas com deficiência [...] (STEFFEN; MUSSKOPF, 2015, pg. 44-45).

Segundo França-Ribeiro (2004 *apud* VIEIRA, 2006) às pessoas com deficiência é atribuída a infantilização com foco em limitações e dependências em detrimento de aspectos pessoais individuais ou da fase do desenvolvimento. Infantilizar os autistas e não promover uma orientação deixa o grupo mais propenso a problemas com o pleno exercício de seus direitos, bem como, os tornam mais suscetíveis a serem vítimas de violência sexual. Essa infantilização é proporcionada por uma superproteção por parte da família e por uma inexperiência da sociedade acerca do tema, além disso, estigmatizar o autismo prejudica o reconhecimento do direito sobre o próprio corpo e sobre a sexualidade (ROCHA; MESQUITA, 2018).

O assunto acaba sendo pouco discutido e quando em pauta é fadado a mitos e

preconceitos. Os Mitos também são reforçados por Maia e Ribeiro (2010) da seguinte forma:

Os mitos, portanto, têm sido usados para justificar a segregação de pessoas com deficiências na sociedade. Esclarecer e refletir sobre questões do preconceito que se relacionam ao corpo com deficiência, sobre os limites subjetivos e objetivos para viver e expressar a afetividade e a sexualidade, a partir de uma leitura social e cultural da deficiência e da sexualidade, parece ser um caminho promissor para contribuir na superação da discriminação social e sexual que prejudica os ideais da sociedade inclusiva. (MAIA; RIBEIRO, 2010, pg. 173)

Bruns e Zerbinati (2017) debatem que em pleno século XXI, a sexualidade ainda não é discutida com naturalidade, explicita a necessidade da temática sexual, porém necessita de olhares atentos inclusive, e talvez acima de tudo, acolhedores da subjetividade dos profissionais para então dar o passo em direção aos alunos e seus familiares.

Em razão de sua complexidade, a sexualidade está diretamente ligada ao meio sócio-histórico-cultural, englobando e transcendendo os conceitos de sexo, de relação e de orientação sexual, fazendo-se necessária entre docentes e familiares a complexificação do olhar para a dimensão subjetiva da Educação Sexual, na medida em que ela está presente desde o nascimento de cada sujeito e o atravessa ao longo de toda a sua trajetória, independentemente de deficiências ou supostas “normalidades”. (GARCIA; ORLANDI, 2017, pg. 9)

Para Maia e Ribeiro (2010) as políticas públicas mundiais estão lutando pelos direitos das pessoas com deficiência, no que tange o acesso aos direitos básicos, porém pouco se discute sobre o incentivo a inserção afetiva e sexual dessas pessoas. Por fim, Maia (2011) conclui que uma sociedade inclusiva deve ser um local onde a diversidade, incluindo sexualidade e educação sexual esteja disponível para a sociedade, bem como para as pessoas com deficiência.

2.5 Importância da representação em textos culturais com relação a criação de estereótipos e estigmas.

Para Scoralick (2020, pg. 92) a questão da deficiência, quando discutida, diz respeito ao outro. Esse outro é sempre “uma exterioridade real, um corpo, uma subjetividade, uma pessoa que pede passagem e quer ser reconhecido como diferente de mim – não outro de mim – mas igual em dignidade”. O outro representa os oprimidos e esse outro quando se mostra distinto tende a assustar e acaba por seguir situações de “indiferença, o desprezo, o descaso, o esquecimento”. Orlandi e Garcia (2017) defendem que pessoas com deficiência intelectual são diversas vezes estigmatizadas na sociedade, a inclusão desses indivíduos sofreu transformações ao longo dos anos, dentre as quais, exclusão social e direitos garantidos.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas

categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. [...] Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. (GOFFMAN, 1988, pg. 5-6)

Seguindo outros autores, Rodrigues (2008, p. 53/54) sintetiza que o estigma é complexo, seguindo um fenômeno social ou histórico, ultrapassa os limites do estigmatizado e daquele que discrimina e diz que existem quatro aspectos que são importantes na compreensão do estigma, são eles: “estigma é contextual; é histórico; é empregado estrategicamente; produz e reproduz relações e desigualdades sociais”.

Para Silva (2006) quando nos encontramos diante do novo, do desconhecido, acabamos por generalizar baseado em estereótipos e analogias substitutivas das possíveis problematizações: são simplificações que respondem à demanda imediata do pensamento, valendo-se de conteúdos e juízos de valor incorporados, conforme a condição e posição na hierarquia social. No primeiro momento, diante de pessoas com deficiência ocorre certa estranheza, que pode ou não, dependendo da interação social, permanecer por um bom tempo. Pois, o preconceito surge como um comportamento pessoal, porém não pode ser atribuído apenas ao indivíduo, posto que não se restrinja a exercer uma função irracional da personalidade.

Pessoas com deficiência são estereotipadas na sociedade, segundo Darke (1998 *apud* FARIA; CASOTTI, 2014) podemos entender que as representações de grupos minoritários ajudam a identificar determinados estereótipos, além disso, as representações de pessoas com deficiência em filmes tem como concepção a imagem da deficiência como uma dificuldade vivenciada por uma única pessoa.

Siqueira, Dornelles e Assunção (2020) destacam que os textos culturais de comunicação procuram abordar a condição das pessoas com deficiência, explorando suas vivências no sentido de superação e inspiração. Assim como, ressaltam que as mídias têm papel fundamental na forma como representa as pessoas com deficiência para a sociedade, determinadas vezes, as representações acerca destes indivíduos os coloca em posição de uma pessoa incapaz, que necessita sempre de cuidados ou os coloca em posição de indivíduos como exemplo de superação, no sentido de moldar a ideia de que se as pessoas ditas “normais” conseguem realizar atividades, os deficientes também conseguem. Faria e Casotti (2014) destacam que as pessoas com deficiência, nos textos culturais, podem ser vistas como:

1. Seres patéticos, dignos de pena e, por vezes, tragicômicos;

2. Entes sinistros, vingativos ou marcados pelo mal; e
3. Indivíduos de grande bravura diante da tragédia de suas vidas.

Faria e Casotti (2014) defendem que os textos culturais, como novelas, filmes e séries são importantes transmissores de valores e perspectivas da sociedade. Cameron (2017) diz que os textos culturais convencionais nos fornecem diversas informações negativas e estereotipadas sobre as representações que as pessoas com deficiência utilizam para construir suas identidades pessoais e sociais.

A televisão caracteriza-se como um importante instrumento da comunicação, que é utilizado, por exemplo, pelo telejornalismo, para informar, como também para entreter, em grande parte com programas de ficção com narrativas seriadas, como telenovelas e séries. Assim, oferece ao telespectador a possibilidade de acesso às mais diversas experiências de realidade, informação, comunicação e entretenimento, sendo esse último considerado a sua principal função na sociedade de hoje. (PINHEIRO; BARTH; NUNES, 2016, pg. 69)

Segundo Ormezzano *et al.* (2005) a presença generalizada da mídia tem o poder de oscilar entre a ficção e o mundo real, como, por exemplo, na televisão que nos cerca de tal forma que nos acostumamos com sua constância de informações. De acordo com Pinheiro, Barth e Nunes (2016) o conceito de televisão que está em contínua transformação abarca uma série de questões, dentre as quais: Informação, Entretenimento e Linguagem, conforme a cultura de cada sociedade. E para Machado (2002) a televisão, inclusive por sua disseminação, corresponde a um ambiente onde se faz presente as manifestações de diversidade cultural e de discordâncias.

Pinheiro, Barth e Nunes (2016) sintetizam que as séries são um meio de comunicação de massa e com origem nos Estados Unidos, as séries ganharam espaço na sociedade. E com cada vez mais diversificação, as séries apresentam, cada vez mais, personagens complexos e episódios mais detalhados que instigam os que assistem. Para Gomide e Rezende (2017) o fenômeno *binge watching* é um novo modelo de consumo, baseado em maratonas de séries em qualquer tela e a qualquer momento, sendo difundido principalmente por *streamings*, como Netflix e Amazon.

Segundo Vicente (2019) a televisão é crucial para a formação de identidade de indivíduos. Uma vez que conforme Lacerda (2017) destaca que é crescente o interesse sobre a representação social do autismo, pois a mesma está estreitamente ligada à formação da identidade social e pública desses indivíduos. A mídia é um importante fomentador dessas representações, bem como podemos destacar as séries de televisão.

Florencio e Faria (2021) sintetizam que com base em sua revisão de literatura que diversos grupos oprimidos têm suas representações estereotipadas e estigmatizadas nos textos culturais, ainda ressaltam que as representações de diversos canais midiáticos contribuem para a manutenção das mesmas. [...] As pessoas com deficiência pertencem a esses grupos oprimidos com representações estigmatizadas e estereotipadas e estão à margem da sociedade.

Florencio e Faria (2021) ressaltam que os textos culturais apresentam um importante papel no desenvolvimento e perpetuação dos estereótipos e estigmas. A representação frisada por textos culturais é ainda mais forte quando se trata de grupos sociais oprimidos, invisibilizados e excluídos da sociedade. Os textos culturais, portanto desenvolvem papel fundamental com relação aos estereótipos quando identificam estilos de vida, identidades e ideologias como destacam Arnould e Thompson (2005 *apud* FARIA; CASOTTI, 2014).

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho será a Análise de Textos Culturais, sendo o objetivo analisar a representação das pessoas com Transtorno do Espectro Autista em séries. Para Cameron (2017) os textos culturais convencionais nos fornecem diversas informações negativas e estereotipadas sobre as representações que as pessoas com deficiência utilizam para construir suas identidades pessoais e sociais.

Os textos culturais acabam desempenhando papel fundamental com relação aos estereótipos quando percebem estilos de vida, identidades e ideologias como destacam Arnould e Thompson (2005 *apud* FARIA; CASOTTI, 2014).

Florencio e Faria (2021) sintetizam que os diversos grupos oprimidos têm suas representações estereotipadas e estigmatizadas nos textos culturais e também ressaltam que as representações de diversos canais midiáticos contribuem para a manutenção das mesmas.

As seleções de sujeito definem quem será analisado na pesquisa. Segundo Lacerda (2017) aumentou o interesse sobre a representação das pessoas com autismo. Assim a seleção de sujeitos foi moldada com base na indicação “5 personagens de séries que ajudam a entender o autismo” da seção Minha série da TecMundo¹. Dentre as indicações foram selecionadas três séries.

¹ Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/169119-5-personagens-de-series-que-ajudam-a-entender-o-autismo.htm>>. Acesso em: 07 set. 2021.

Tabela 1- Seleção de séries

Séries
Atypical
The Good Doctor
Parenthood

Fonte: Elaborada pela autora

Nas três séries selecionadas, foi possível encontrar quatro personagens com Transtorno do Espectro Autista, as tabelas a seguir tem o intuito de informar as características de cada um dos personagens.

Tabela 2- Características do personagem Sam Gardner

Série	Atypical
Quantidade de Temporadas	4 Temporadas
Quantidade de episódios	38 episódios
Lançamento	2017
País	EUA
Gênero	Comédia, Drama
Status	Finalizada
Plataforma	Netflix
Personagem	Sam Gardner
Gênero	Masculino
Protagonismo	Sim
Diagnóstico	Autismo
Caracterização do personagem	Sam Gardner é um jovem de 18 anos com autismo que embarca em uma jornada de novas experiências para conquistar sua independência.

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 3- Características do personagem Shaun Murphy

Série	The Good Doctor
Quantidade de Temporadas	3 Temporadas
Quantidade de episódios	56 episódios
Lançamento	2017
País	EUA
Gênero	Drama, Médico
Status	Renovada
Plataforma	Globoplay
Personagem	Shaun Murphy
Gênero	Masculino
Protagonismo	Sim
Diagnóstico	Autismo
Caracterização do personagem	Um médico jovem com Autismo e Síndrome de Savant, Shaun Murphy inicia sua residência em um hospital de grande renome. Shaun enfrentará desafios profissionais e interpessoais.

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 4- Características dos personagens Max Braverman e Hank Rizzoli

Série	Parenthood
Quantidade de Temporadas	6 Temporadas
Quantidade de episódios	103 episódios
Lançamento	2010
País	EUA
Gênero	Drama
Status	Finalizada
Plataforma	Prime Video
Personagem	Max Braverman

Gênero	Masculino
Protagonismo	Não
Diagnóstico	Síndrome de Asperger
Caracterização do personagem	Diagnosticado no início da série, Max demora a descobrir que tem Síndrome de Asperger porém aceita bem sua condição. Max durante a série enfrenta problemas com relações interpessoais, passa por um drama com inclusão educacional, mas se apaixona pela fotografia que o ajuda a superar problemas.
Personagem	Hank Rizzoli
Gênero	Masculino
Protagonismo	Não
Diagnóstico	Síndrome de Asperger
Caracterização do personagem	O personagem aparece pela primeira vez para tirar uma foto da família Braverman, porém ele conhece Sarah Braverman e o relacionamento dos dois é explorado. Porém, Hank conhece Max Braverman que demonstra interesse por fotografia, onde ambos constroem uma amizade.

Fonte: Elaborada pela autora

A coleta e análise de dados foram feitas com base em observação de séries, todas as séries foram assistidas por completo, em três plataformas de streamings, para composição deste trabalho. E também, cabe ressaltar que algumas cenas foram transcritas de forma integral para garantir maior compreensão acerca do tema e serão alvos de análise os seguintes assuntos contidos na tabela a seguir, alcançados a partir da revisão de literatura:

Tabela 5- Assuntos a serem abordados na Análise de Resultados

Análise de Resultados
Relações Interpessoais
A relação entre a maternidade e o TEA
As relações entre as pessoas com TEA e seus familiares
As relações Interpessoais das pessoas com TEA com a sociedade

A educação para as pessoas com TEA
O Mercado de Trabalho para pessoas com TEA
Sexualidade das pessoas com TEA

Fonte: Elaborada pela autora.

A análise dos assuntos será realizada a partir da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016) a análise de conteúdo é uma reunião de ferramentas de metodologia que, em constante mudança, é aplicada a conteúdos diferentes.

Ao escolher a metodologia de textos culturais, percebem-se algumas limitações, tanto para estruturar uma revisão de literatura que valide a análise quanto para a análise em si. São escassas as pesquisas com metodologia que analisa os textos culturais na perspectiva de pessoas com deficiência.

Ao pesquisar sobre os pontos da revisão de literatura, foram encontrados poucos trabalhos sobre pessoas com deficiência no campo da administração, tornando a pesquisa exaustiva. Destaco que as áreas de educação e saúde possuem um número significativo de estudos sobre pessoas com deficiência, o que tornou possível a elaboração do capítulo.

Existem algumas limitações sobre as séries. A primeira é sobre não conseguir expressar nos resultados o verdadeiro significado da cena, pois se entende que é importante que as emoções e sentimentos expressados pelos personagens sejam representados na pesquisa, porém ao transcrever as cenas, esses sentimentos podem não ser compreendidos, o que prejudica a pesquisa. A segunda é não conseguir demonstrar a representatividade dos personagens nas séries.

Por último, o tempo consumido na fase de construção da revisão de literatura (tempo para pesquisar as referências para elaboração desta monografia) e no desenvolvimento da análise de resultados (tempo para assistir e transcrever todos os episódios de forma a construir a análise de resultados) foi exaustivo.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

A Análise de Textos Culturais será feita sobre a análise da representação de pessoas com transtorno do Espectro Autista em séries, pois conforme o que foi dito por Lacerda (2017) é crescente o interesse sobre a representação social das pessoas com autismo, bem como a formação de suas relações sociais.

A escolha de séries baseia-se em Vicente (2019) que discorre que a televisão é um meio de comunicação importante na formação da identidade de indivíduos. Durante a análise das séries o fenômeno *binge watching* citado por Gomide e Rezende (2017) aconteceu devido às maratonas das séries *The Good Doctor*, *Parenthood* e *Atypical*, que foram feitas nas plataformas de *streamings* Globoplay, Prime Video e Netflix, respectivamente.

Os temas a serem explorados nesta análise são reforçados por Toldrá, Marque, Brunello (2010) que discutem sobre o fato de que as pessoas com deficiência mental por muitos anos, foram excluídas da sociedade, no que tange seus direitos ao acesso à educação, saúde e mercado de trabalho. Isso se deve, às dificuldades com relações interpessoais e acesso a espaços públicos, escolaridade fraca e falta de independência.

4.1 Relações Interpessoais

4.1.1 As relações entre a maternidade e o TEA

Zanatta (2014) diz que o diagnóstico do autismo aumenta as incertezas no ambiente familiar e conseqüentemente ocorre uma infantilização devido às limitações, sem contar que o papel da mãe fica sobrecarregado em virtude de cuidados integrais com os filhos. No primeiro episódio de *Atypical*, Elsa (mãe do Sam) em uma conversa com Doug (pai do Sam) fala sobre os medos e inseguranças com relação às vivências do Sam, em um momento podemos notar que até o relacionamento dos pais do Sam ficou de lado.

Doug (Pai): – “Eu acho legal o Sam querer namorar. Nos conhecemos praticamente na idade dele e foi divertido, não? Foi bom”.

Elsa (Mãe): – “O Sam não é como a gente”.

Doug (Pai): – “Mas ele tem que começar...”.

Elsa (Mãe): – “Sabia que me assusto sempre que o telefone toca? Acho que ele atravessou a rua sem olhar, ou surtou em uma loja ou bateu em um policial. Sempre que o telefone toca”.

Doug (Pai): – “Eu sei. Mas talvez seja hora de recuarmos e passarmos um tempo juntos, só nós dois. Voltar a ser como éramos antes disso tudo. Poderíamos sair. Ou... namorar um pouco”.

Em uma cena de *Atypical*, na qual o Sam e sua mãe vão ao shopping comprar roupas, destaque para o fato de que o Sam nunca havia demonstrado interesse em ir a lojas, pois sua mãe sempre desempenhava essa função, podemos notar que conforme Crisostomo, Grossi e Souza (2019) o autismo provoca sentimento de frustração das mães como veremos a seguir:

Elsa (Mãe): – “A luz aqui é tão forte”. [...] “Quer seus óculos escuros?”.

Sam: – “Não”.

Elsa (Mãe): – “Esse som não é irritante”.

Sam: – “É irritante quando você faz”.

Elsa (Mãe): – “Quer os fones de ouvido?”

Sam: – “Não precisa”.

Segundo Battistella-Lima e Botelho (2019) a maternidade é envolta em muitas expectativas, uma delas é a ideia da experiência ideal, que quando não correspondida gera o sentimento de culpa. Em *Parenthood*, logo após o diagnóstico de Asperger do Max, Kristina e Adam (respectivamente, mãe e pai) procuram uma especialista para ajudar no desenvolvimento do Max, em uma cena, a profissional consegue fazer com que o Max brinque com uma menina e ao ver a cena a Kristina se emociona, porém o diálogo abaixo demonstra as frustrações e o sentimento de culpa da Kristina.

Kristina (Mãe): – “Ele está se divertindo”.

Gaby (profissional): – “Uhum”.

Kristina (Mãe): – “Eu não sei como você conseguiu. Estou tentando há tanto tempo. E eu fiquei espantada.” [...].

Gaby (profissional): – “Como você está?”.

Kristina (Mãe): – “Como eu estou?”.

Gaby (profissional): – “É, está tudo bem?”.

Kristina (Mãe): – “Eu estou bem”.

Gaby (profissional): – “Quero dizer”.

Kristina (Mãe): – “Eu estou bem, prometo. É tão bom vê-lo brincar com outras crianças. E você o ajudou. Ajudou”.

Gaby (profissional): – “Nada disso é fácil”.

Kristina (Mãe): – “Desculpa é que eu me sinto uma fracassada. Me sinto um fracasso. Eu tento fazer isso há tanto tempo e você faz parecer fácil.”

Gaby (profissional): – “Não, não é. É difícil. Eu só trabalho com ele poucas horas no dia. Essa é a sua vida. Não sei como você consegue.”

Kristina (Mãe): – “Eu sei. É isso que ninguém entende. Eu tento explicar... Mas a preocupação nunca vai embora. E aí, eu me pego,

acordada no meio da noite preocupada com o Max. Tem alguma coisa que a gente devia ter tentado? Algo que devemos tentar? E quando não estou preocupada com ele, me preocupo com o fato de que não estou preocupada com a Haddie (irmã do Max). E isso não para nunca sabe?”.

[...]

Gaby (profissional): – “Olha, você precisa relaxar, honestamente você se cobra demais”.

Vendo o filho brincar, Kristina começa o assunto, e logo depois fica muito sensível e emocionada, Kristina relata seus sentimentos, medos, frustrações mostram que a mulher apesar de assumir esse papel que a sobrecarrega, nem sempre consegue olhar pra si mesma.

Um fato que marca a forma como os espectadores veem o Sam está relacionado ao fato de que ele sempre usa um fone de ouvido na rua, esses fones de ouvido abafam ruídos que podem causar crises no Sam. Após o diagnóstico do Sam, a Elsa começa a falar sobre o diagnóstico:

Elsa (mãe do Sam): – “Eu acho que é um alívio, na verdade. Agora sabemos, podemos agir. Eu estava lendo sobre fones com cancelamento de ruído, ajudam bastante em situações em que ele se sente desorientado. É uma ideia tão simples, mas eu nunca pensaria nisso. Faz tanto sentido. Vou à loja comprar um par, e também há outras coisas, podemos fazer mudanças”.

4.1.2 As relações entre as pessoas com TEA e seus familiares.

A expectativa com relação ao diagnóstico do filho gera sentimento de frustração. Os autores Pinto *et al.* (2016) relatam dificuldades de aceitação por parte dos pais que acabam se distanciando do convívio com o filho, como podemos ver no episódio em que o Doug (pai do Sam) é questionado por Casey (irmã) sobre o porquê do pai não ter participado da Marcha pela Conscientização do Autismo (organizada pela Elsa) e ter abandonado a família durante oito meses, na cena o pai diz não se sentir orgulhoso por ter agido daquela forma, fala sobre as dificuldades relacionadas ao diagnóstico, bem como a forma como se sentiu ao perceber que sua esposa passou a se dedicar exclusivamente aos cuidados com o Sam, diz que a esposa foi maravilhosa mas que ele não conseguia aceitar o diagnóstico do filho.

Ainda sobre a ideia de Zanatta (2014) sobre as incertezas do ambiente familiar, podemos destacar um episódio de Parenthood em que Adam (pai do Max) fica questionando a relação entre ele e o filho. Nesse contexto, em uma das cenas o Adam acaba tentando conversar com Max sobre a situação, o Max aparentemente desligado da conversa, para e faz uma pergunta ao pai e os dois começam uma conversa.

Max: – “Pai! Pare! Por que está cantando?”

Adam (Pai): – “Estou cantando, Max, porque estamos juntos no carro e você não fala comigo. Eu adoraria conversar sobre qualquer coisa. Mas você não responde minhas perguntas. E isso me magoa, então... Eu só quero saber coisas sobre você e queria que você soubesse de coisas sobre mim, qualquer coisa”.

[...]

Adam (Pai): – “Desculpe, Max, eu... Deixa pra lá”.

[...]

Max: – “Eu ouvi você dizer pra Haddie que foi tesoureiro? Você ganhou um tesouro para ser tesoureiro?”

Adam (Pai): – “Bom, é, não tem tesouro, mas tem dinheiro envolvido”.

Max: – “Certo, tem a ver”.

A relação familiar do Shaun com sua família é certamente um tópico para discussão, diferente das outras séries, onde se observa um constante apoio familiar, a vida de Shaun é completamente o oposto, em uma cena ele fala sobre o amor em família e diz: - “Não tive isso dos meus pais”. Zanatta (2014) afirma que a realidade de se ter um filho com autismo deve levar a uma reestruturação familiar, que não acontece na família do Shaun. Em uma cena podemos notar que o Shaun era discriminado dentro de sua própria casa.

Pai do Shaun: – “É tão difícil assim agir como uma pessoa normal?”.

Mãe do Shaun: – “Ele não sabe como”.

Pai do Shaun: – “Mentira! O que faremos agora? É a terceira escola que o expulsa”.

Mãe do Shaun: – “Acharemos outra”.

Pai do Shaun: – “Não, porque nada vai mudar. Não dão conta dele, não os culpo, porque também não damos. O que aconteceu dessa vez?”

O que aconteceu?” (Diz o pai em tom de ameaça, apertando o rosto do Shaun).

Mãe do Shaun: – “Vai machucá-lo.” (Nesse momento o irmão tenta proteger o Shaun, mas é empurrado pelo pai).

Pai do Shaun: – “O que você fez? Shaun!” (Ele então bate na cara do Shaun e joga contra a parede seu coelho de estimação).

Segundo os critérios diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista do DSM-5 (2014) pessoas com TEA podem ter déficits para desenvolver, manter e compreender os relacionamentos. Como o personagem Hank que apresenta dificuldades de relações interpessoais, bem como de interação com sua filha e com relacionamentos amorosos.

Um ponto a ser explorado sobre o TEA é a relação entre irmãos, sobre como é a relação entre um irmão com TEA e um irmão neurotípico². As autoras Cardoso e Françoze (2015) discutem com base em resultados de pesquisa, e sabendo que as vivências familiares são distintas, apontam que os sentimentos de cuidado e afeto sobre o irmão com autismo foram relatados com destaque para o fato de que a maioria se preocupa com os cuidados com o irmão no futuro. Cezar e Smeha (2016) também destacam que cada família possuiu diferentes vivências, mas apontam a necessidade de um espaço de discussão para os irmãos neurotípicos, pois eles assim como seus irmãos precisam de suporte. Cabe ressaltar que com base nos autores acima, cada família tem uma relação familiar diferente e que é necessário que os irmãos possam debater sobre seus sentimentos.

Em Parenthood, Kristina e Adam decidem procurar uma escola de educação especial para o Max, porém a diretora diz não ter vaga, eles insistem e ela pede pra conhecer o Max, após a reunião com a diretora o Max pergunta: -“Haddie ganhou?”. Eles então percebem que nesse momento a Haddie está em uma competição, porém perdem o jogo e a Haddie está sozinha esperando-os a buscarem. Depois o Adam vai até a Haddie conversar sobre.

Adam – “Posso entrar?”.

Haddie: – “Tudo bem, pai. Já esqueci”.

Adam: – “Não está tudo bem. Há dias em que você estraga tudo. Sabe? Foi o que aconteceu hoje. Estraguei tudo. E. eu sinto muito mesmo”.

² Neurotípico - Designa aquele que não tem problemas de desenvolvimento neurológico (AUTISMO E REALIDADE) Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2020/10/23/como-neurotipicos-podem-se-comunicar-melhor-com-pessoas-com-autismo/>>. Acesso em: 09 set. 2021.

Haddie: – “Tudo bem. De verdade”.

Adam: – “E sei que com tudo que está acontecendo com o Max, você teve umas semanas difíceis”.

Haddie: – “Semanas? Pai. Que tal anos?”

Adam: – O quê?

Haddie: – “Faz anos, pai. Por que agem como se isso com o Max (Asperger) fosse novidade? Ele... derrubou meu bolo de 10 anos porque tinha medo de velas. Precisamos trocar de quarto porque ele não pode ter ar-condicionado. Sempre que ele quer ver TV, temos que sair da sala. Nunca acaba. Desde que consigo me lembrar, tudo gira em volta do Max”.

Adam: – “Está certa. Está totalmente certa”.

Haddie: – “Acha que ele vai entrar nessa escola?”

Adam: – “Estou muito... muito orgulhoso de você. De tantas maneiras”.

Casey é convidada pela escola *Clayton Prep* para integrar o time de corrida, porém ela deve sair da escola atual, onde o Sam também estuda. Ao contar para os pais, eles parabenizam, porém, Elsa se mostra relutante e diz que haverá problemas caso Casey saia da escola e diz: – “Precisamos de você na mesma escola que o Sam, certo? (...) Ele não tem mais um acompanhante profissional e depende muito de você”.

O momento em que a Haddie diz ter sido deixada de lado por causa do Max. É abordado em *Atypical* pelo namorado da Casey, que após ver a Elsa deixar o sonho da Casey de lado, diz para o Doug e Elsa:

Evan (namorado da Casey): – “Perdão, mas... Vocês têm dois filhos. Vocês agem como se tivessem um. Eu entendo. O Sam tem uma deficiência, ou sei lá o quê. Mas ela bateu o recorde. A Casey fez algo legal e vocês nem viram (por causa do Sam). Onde vocês estavam? Agora ela pode ir a uma escola do cacete, e perdão pelo palavrão. Também não quero que ela vá para uma cidade longe, mas pelo menos entendo que ela... é boa demais para esse lugar. Então... é isso”.

Kristina fala sobre o medo com relação à Haddie tirar a carteira de motorista e sofrer um acidente, e fala pensa no que aconteceria se não tivesse ninguém para cuidar do Max:

Kristina: – “E aí eu penso no Max, e em quem vai cuidar dele quando não estivermos aqui”.

Haddie: – “Mãe, eu cuido”.

Kristina: – “Eu nunca faria isso com você. Eu nunca te daria o fardo de cuidar do seu irmão. Jamais”.

Haddie: – “Não é um fardo. Eu amo o Max, ele é meu irmão”.

4.1.3 As relações Interpessoais das pessoas com TEA com a sociedade

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista são muitas vezes estigmatizadas e estereotipadas na sociedade. A forma como a sociedade vê as pessoas com TEA interfere na forma como o mesmo se enxerga na sociedade, Sam fala sobre ser esquisito com relação às pessoas ao redor dele: – “Eu sou esquisito. É o que todos dizem. Às vezes não entendo o que os outros querem dizer e acabo me sentindo só, mesmo com outros ao meu redor” e em outro momento o Sam fala que – “Às vezes eu queria ser normal”, mas a resposta de Evan ajuda o Sam a ter uma nova percepção quando ele diz “Bom, cara ninguém é normal”.

Ainda sobre a forma como o autista se vê na sociedade sem contar o quanto ser discriminado prejudica a pessoa com TEA como em Parenthood quando temos um diálogo entre Max, Kristina e Adam sobre os alunos da escola onde o Max estuda. Eles estão voltando para casa após buscarem o Max em uma viagem escolar.

Kristina: – “Max, querido?”.

Max: – “Eu disse que não quero falar”.

Kristina: – “Eu sei que não quer falar, mas estamos aqui há mais de duas horas. Seu pai e eu podemos ajudar se nos explicar o que houve”.

Max: – “Vamos ligar o rádio?”

Adam: – “É, boa ideia. Podemos esperar até chegar em casa. Depois conversamos.”

Max: – “Por que todas as crianças me odeiam?”.

Kristina: – “Querido, ninguém odeia você”.

Adam: – “São só idiotas”.

Max: “É porque eu sou estranho?”.

Kristina: “Você não é estranho. Acho que, às vezes, eles não entendem o seu Asperger. E entendem como sendo estranho. Mas você não é estranho. Você é muito inteligente e engraçado e...”.

Max: – “Se eu sou inteligente e engraçado, porque me odeiam? Eles não te odeiam, eu juro. [...] O Trevor disse que eu sou uma aberração, uma aberração esquisita”.

Kristina: – “Você não é aberração”.

Max: “Acho que ele tem razão. [...] Eu acho que sou. Eu tento entendê-los, mas não consigo. O Asperger devia me deixar inteligente, mas se eu sou inteligente, por que... Por que eu não entendo por que eles riem de mim?”.

Em um episódio de *Atypical*, Sam recebe um elogio sincero sobre sua roupa da Paige e em uma conversa com a Paige, ele diz não conseguir escutá-la e diz: – “Não consigo ouvir. Estes fones cancelam ruídos”, ela então entende a situação dele, ela então o chama para estudar e ele diz não. Porém Sam diz isso pra sua psicóloga durante a sessão, e ela fala: – “Ela parece gostar de você”. A forma como a psicóloga conversa com o Sam sobre relacionamentos demonstra a importância do apoio de profissionais, como destacado por Bruns e Zerbinati (2017) na revisão de literatura.

Porém, em uma cena, podemos perceber o impacto que o profissional tem na vida da pessoa com TEA, após ser repreendido por sua psicóloga, Sam entra em uma crise no ônibus, momentos depois o Sam está sozinho no ônibus e sua mãe entra para confortar ele, nessa cena o motorista do ônibus, bastante preocupado com a situação pede desculpas.

Motorista: – “Sempre tento dirigir devagar quando o Sam está no ônibus. Para ele não encostar no banco.”

Doug (Pai): – “Calma, não é sua culpa. Eu agradeço por ajudar e nos ligar”.

Motorista: – “Não tem de quê. Posso ajudar?”.

Doug (Pai): – “Não, ela resolve. Obrigado”.

Assim como Orlandi e Garcia (2017) dizem que deficiência intelectual são diversas vezes estigmatizadas na sociedade. Podemos destacar também, a fala do autor Silva (2006) sobre quando nos encontramos diante do novo, do desconhecido, acabamos por generalizar baseado em estereótipos.

A forma como parte da sociedade, que é preconceituosa trata as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, tem uma influência nos familiares. Sendo assim, na cena do supermercado, onde o Max questiona a quantidade de produtos que um cliente está passando

no caixa, o cliente acaba sendo preconceituoso e o Adam que vinha mediando à situação, perde a paciência na seguinte cena:

[...]

Cliente: – “Idiota!”

Adam (Pai): – “Como é que é? Qual é o seu problema?”.

Cliente: – “Não tenho problema”.

Adam (Pai): – “Claro que tem. Talvez não saiba ler. São 10 itens”.

Cliente: – “Eu sei. Seu filho é quem tem problema”.

Adam (Pai): – “Não, meu filho...”.

Cliente: – “Deveria treiná-lo melhor”.

Adam (Pai): – “Treiná-lo? O que quer dizer?”.

Cliente: – “Olha, eu tenho pena de você”.

Adam (Pai): – “Tem pena do quê?”.

Cliente: – “Do seu fardo, já que ele é retardado”.

Adam (Pai) então perde a paciência e dá um soco na cara do cliente.

Para Nunes e Furlan (2021) o desenvolvimento da identidade social se constitui a partir da relação com o outro. Em *Atypical*, a amizade é explorada com a relação entre o Sam e o Zahid, em uma cena Sam precisa entregar uma redação, onde ele conte sobre uma conquista, para inscrição em faculdades, o Sam decide explorar a relação de amizade.

Sam: – “Uma das teorias do Zahid é que pessoas com Autismo na verdade são as normais, pois vemos o mundo como ele realmente é. Só os neurotípicos colocam uma camada adicional de significado sobre o que já existe. Para fazer sentido para eles. O Zahid não é cientista, apesar de ter uma placa que diz ‘Laboratório do amor’ na porta do seu quarto, mas quando penso na nossa amizade, não vejo um cara com autismo que é amigo de um cara neurotípico. Só vejo dois amigos. E isso para mim é uma conquista”.

A relação entre o Max e o Hank é marcada por alguns momentos, que até ajudam o Hank a perceber que pode ter Asperger. A primeira cena entre os dois é marcada pela cena a seguir:

Hank: – “Você é meio estranho”.

Max: – “É.”

Hank: – “Gosto de você”.

Max: – “Ainda não sei se gosto de você”.

Porém, quando o Max começa a frequentar o trabalho do Hank. O Hank começa a notar comportamentos semelhantes ao dele. E decide perguntar ao Andy sobre o profissional que cuida do Max e após algumas consultas é diagnosticado, mesmo que tardiamente o diagnóstico ajudou o personagem a entender sua vida.

4.2 A educação para as pessoas com TEA.

Durante o primeiro episódio de Parenthood, tem uma cena em que o Max briga com um colega de classe. Kristina e Adam são chamados na escola e em um momento em que os dois entram em discordância e nesse momento um funcionário da escola diz: “O que estamos tentando dizer é que não temos certeza se a escola Sullivan é apropriada para o Max” e indicam que os pais procurem um profissional para que o mesmo decida se é viável ou não a permanência do Max na escola, o que dá a entender que o Max não é bem-vindo naquele ambiente. Ao buscar apoio de um médico especializado, Max realmente é diagnosticado com Transtorno de Asperger e os pais decidem buscar uma escola preparada para recebê-lo.

A questão acima é explorada por Barboza e Bezerra (2021) que debatem que a educação inclusiva tem como objetivo extinguir a discriminação no ambiente escolar. Outro ponto que também é explorado pelos autores é que o ambiente escolar deve ser um espaço acolhedor que respeite as diferenças e que fortaleça as capacidades dos alunos. Nesse sentido, podemos destacar o momento em que Kristina decide criar uma escola inclusiva voltada para atender as necessidades do Max e de outras pessoas com deficiência.

Para Orlandi e Garcia (2017) as pessoas com deficiência intelectual são diversas vezes estigmatizadas na sociedade, inclusive no ambiente escolar, como podemos destacar na cena onde a namorada do Sam, tenta convencer os pais dos alunos que o Baile de formatura, seja “Uma noite Silenciosa”, onde os alunos ficariam de fones de ouvido durante o Baile, com cada aluno escutando suas músicas de preferência, pois sons muito altos incomodam o Sam. Porém, uma das mães questiona a necessidade de mudar o estilo do Baile para satisfazer as necessidades de um aluno.

Mãe da Aluna: – (...) “Um baile silencioso, isso é tão... é tão triste.”

Elsa (Mãe): – “Sabe o que é triste? Meu filho nunca pôde participar de um evento escolar, porque os sons são tão insuportáveis. Nunca ser convidado para uma festa de aniversário, porque ele era o garoto na

lanchonete que não parava de gritar. O isolamento, a solidão, a falta de experiência... isso é triste”.

Para Shibuta, Costa e Santos (2021) a presença de alunos com TEA no ensino superior é uma realidade. Nesse sentido, em um episódio de *Atypical*, o Sam e os pais são convidados para uma reunião com a orientadora escolar sobre o fato de o Sam não ter se inscrito em nenhuma faculdade. Elsa então diz ter um plano, onde após acabar o ensino médio o Sam ficaria em casa, faria um ou dois cursos em uma universidade comunitária e manterá seu emprego na empresa de eletrônicos. Porém o Doug questiona o filho sobre essa ideia.

Doug (Pai): – “Isso é o que você quer? Porque não precisa fazer isso. Pode sair de casa se quiser Sam”.

Sam: – “Não ligo de ficar”.

Orientadora: – “Bem, Sam, se ainda estiver se decidindo, eu organizo um grupo de apoio para alunos no espectro, focado em lidar com transições, especialmente perto da formatura”.

Doug (Pai): – “Sério? Parece legal”.

Orientadora: – “É muito legal, prepara alunos para a vida adulta e apoia a transição à vida independente”.

[...]

Sam: – “Não sei se quero fazer isso”.

Elsa (Mãe): – “Não acho que precisamos de um grupo”.

[...]

Doug (Pai): – “O grupo parece legal e pensaremos sobre a faculdade”.

Sam decide participar do grupo de apoio e poder conversar sobre seus medos com outros jovens com TEA. Ele chega à conclusão de que participar do grupo foi bom. Então ele decide fazer uma faculdade. E apesar de constantes mudanças que ir pra faculdade causará na vida dele, ele sente que é capaz de superar obstáculos. Pois para Ribeiro *et al.* (2014) oportunidades devem ser dadas às pessoas com deficiência para que a independência seja alcançada.

Ao decidir entrar na faculdade, o Sam precisa entregar uma redação onde deve falar sobre suas maiores conquistas. A orientadora pergunta por que ele não fala sobre o autismo e suas conquistas como aluno que tem boas notas e trabalha em meio período, a professora até diz que alguns neurotípicos não conseguem ter o sucesso que o Sam tem o que denota um questionamento “capacitista” com relação ao Sam. Então ele diz:

Sam: – “Não. Ter autismo não é uma conquista. É algo que nasceu comigo. Você não escreveria uma redação sobre ter dez dedos nas mãos, escreveria? Não, porque isso seria muita idiotice”.

4.3 O Mercado de Trabalho para pessoas com TEA

Garcia (2014) diz que durante muitos anos houve um processo exclusão ao mercado de trabalho para as pessoas com deficiência, bem como exclusão da sociedade. Pois para o autor Aranha (2001) para haver inclusão é necessário que a sociedade precisa ser inclusiva.

Baseado nos dois autores, podemos entender as preocupações de Kristina e Adam com relação ao futuro do Max. Sendo assim em uma cena, para comemorar o aniversário do Max, Kristina e Adam decidem contratar a apresentação “Fantástico mundo dos insetos do Andy” que o Max conheceu na escola, porém o responsável pelo evento tem muitas regras estabelecidas, o que faz Kristina e Adam achar o profissional um cara esquisito. Kristina então decide ir até a escola do Max saber mais sobre o profissional, mas o que ela não esperava era que o mesmo também tem Asperger, assim como o Max. Essa situação provoca sentimentos sobre Kristina e Adam.

Adam (Pai): – “Kristina, como não notou que esse cara tem Asperger?”.

Kristina (Mãe): – “Eu não sei, querido. Me senti uma idiota quando ela contou”.

Adam (Pai): – “Acho que estamos tão acostumados a pensar nisso em crianças. Esquecemos que elas crescem”.

Kristina (Mãe): – “Eu sei. Elas crescem”.

Adam (Pai): – “O que você acha? Vamos contratar o cara para a festa ou não? Eticamente...”.

Kristina (Mãe): – “Não sei. Me deixa muito nervosa. Vamos ter uma casa cheia de crianças autistas.”

Adam (Pai): – “Sim”.

Kristina (Mãe): – “E se algo der errado? Ou não sair como planejado? Ele vai surtar”.

Adam (Pai): – “Eu concordo”.

Kristina (Mãe): – “Não temos controle”.

Adam (Pai): – “Eu concordo. Isso é horrível”.

Kristina (Mãe): – “Pois é. Não sei o que fazer. Eu me sinto hipócrita. E se um dia o Max quiser um emprego e não o contratarem porque ficam desconfortáveis com ele?”

Florencio e Faria (2021) defendem que as pessoas com deficiência são oprimidas, estigmatizadas e até mesmo estereotipadas na sociedade. Após a conversa acima, Kristina e Adam quase desistiram da festa, mas quando o que parecia dar errado, a apresentação aconteceu e Adam e Kristina entenderam que o filho poderia no futuro, quem sabe, ter um trabalho em algo que ele goste. Nesse caso, a forma como as pessoas com deficiência são vistas na sociedade influencia até mesmo no julgamento das pessoas que convivem com pessoas com deficiência.

Para entender o personagem Hank é interessante saber o final do personagem da série para analisar sua trajetória, um ponto importante sobre a perspectiva de trabalho é que além de ser bem parecido com o personagem Andy (do “Fantástico mundo dos insetos do Andy”) ele tem grande sucesso em seu trabalho como fotógrafo, logo nas primeiras cenas ele precisa fotografar a foto de uma família. Sarah, tia do Max, está em período de experiência para ser ajudante do Hank, e em uma cena, uma mulher que contratou o Hank conta que a família está passando por uma situação difícil e a Sarah a conforta, o que chama atenção do Hank, entretanto, a Sarah é demitida por ter feito tudo errado, porém o Hank diz:

Hank: – “(...) acontece que o pessoal daquela foto gostou de você. Reclamaram demais de sua demissão. Então, parece que você é boa no trato com as pessoas. E odeio falar com clientes. Verdade, odeio. Fico enjoado às vezes. Então por isso eu ia ligara para você. Você não é tão terrível quanto eu achava.”

Segundo Leopoldino e Coelho (2017) existem barreiras quanto ao acesso ao mercado de trabalho brasileiro para as pessoas com autismo, devido às limitações quanto à comunicação. Como podemos notar na cena acima onde o Hank fala de dificuldades enfrentadas em seu trabalho.

Para os autores Massoli, Alves e Esper (2020) o papel da família para formação e construção de uma identidade da pessoa com deficiência, bem como da autonomia diante de suas limitações. Em *The Good Doctor*, o doutor Glassman, que é como um pai adotivo para o Shaun, é chamado à mesa diretora do Hospital *San Jose St. Bonaventure* para justificar a escolha de Shaun Murphy como residente de cirurgia.

Dr. Marcus: – “Autismo. Uma condição mental caracterizada pela dificuldade na comunicação e de usar linguagens e conceitos abstratos. Essa é a definição. Parece que estou descrevendo um cirurgião?”.

Dr. Glassman (Pai adotivo): – “Ele não é o Rain Man. É altamente funcional. É capaz de viver sozinho e gerir a própria vida”.

Dr. Marcus: – “‘Altamente funcional’ ? É o novo padrão de contratação?”.

Dr. Glassman: – “Se fosse, você não estaria aqui.” [...].

Durante seu trabalho, o Shaun enfrenta uma situação bastante peculiar, ao tratar o paciente Liam, que tem autismo, algumas complicações para realizar determinados exames aparecem e o diagnóstico não consegue ser finalizado, porém em uma tentativa de examinar o paciente, Shaun consegue se aproximar do menino e ao criar uma relação de confiança, o momento em que o Shaun diz: “Você é como eu” ele passa a ter a atenção do Liam voltada para ele. Ao diagnosticá-lo, nesse momento é decidido que o menino deve passar por uma cirurgia, os pais do paciente autorizam, mas ressaltam que o Shaun não deve participar da operação. Em uma cena o Dr. Melendez conversa com os pais sobre a situação e o “capacitismo” com relação ao trabalho do Shaun fica em evidência:

Dr. Melendez: – “O Shaun é diferente. Ele também tem Síndrome de Savant. Tem uma memória extraordinária”.

Mãe do paciente: – “Ele tem Autismo. Igual ao nosso filho. As mesmas limitações”.

Pai do paciente: – “Viu o que aconteceu na ressonância. O Liam sabia que deveria ficar imóvel. Mas não conseguiu. E se o Dr. Murphy surtar assim na sala de cirurgia com meu filho?”.

Dr. Melendez: – “Vocês conhecem seu filho. Eu conheço cirurgiões. Após trabalhar com o Dr. Murphy e desafiá-lo na cirurgia e fora dela, provavelmente mais do que ele merecia, posso dizer que confio totalmente nele”.

Pai do paciente: – “Sinto muito, nós não confiamos. Então, o que faremos agora?”.

Dr. Melendez insiste em sua ideia e diz que outro hospital está preparado para receber o Liam. Os pais então começam a se ajustar para ir embora, porém o Liam tem uma opinião sobre todo o assunto.

Liam (paciente): – “Eu quero”.

Mãe do paciente: – “O quê, querido?”.

Liam (paciente): – “Ele disse que eu conseguia. Quero o Dr. Shaun”.

Todo o episódio demonstrou a necessidade de discutir sobre o “Capacitismo”, que é um termo que demonstra o preconceito com relação às pessoas com deficiência, que baseada nas ideias de senso comum sobre a deficiência, constrói a ideia de que a pessoa com deficiência não é capaz (MARCHESAN; CARPENEDO, 2021).

4.4 Sexualidades das pessoas com TEA

Ao perceber que o Sam, durante a sessão de terapia, fala que jamais terá uma namorada. Julia, a psicóloga do Sam, diz então que:

Julia (Psicóloga): - “E, Sam... Sabe aquilo que disse sobre ter uma namorada? Pessoas no Espectro namoram. Pode tentar encontrar alguém se quiser”.

O Sam então avisa a sua família que irá encontrar uma namorada. Durante o episódio a mãe do Sam fica nervosa com a ideia de o Sam namorar, em uma das cenas fica evidenciado o incômodo da mãe do Sam com a notícia e a iminência do filho entrar em um relacionamento.

Doug (Pai): – “Eu acho legal o Sam querer namorar. Nos conhecemos praticamente na idade dele e foi divertido, não? Foi bom.”

Elsa (Mãe): – “O Sam não é como a gente”.

Doug (Pai): – “Mas ele tem que começar...”.

No momento em que a Elsa diz – “O Sam não é como a gente” podemos relembrar quando Maia e Ribeiro (2010) discutem que modo como a sociedade lida com a sexualidade das pessoas com deficiência é devido à forma como as diferenças são vistas dentro dos padrões de normalidade.

Elsa (Mãe): – “O Sam disse que você falou sobre namorar”.

Julia (Psicóloga): – “Ele mencionou querer namorar, então...”.

Elsa (Mãe): – “Eu agradeço por tentar ajudar, mas todas as coisas que dificultam o dia a dia do meu filho... como entender regras sociais, jogar conversa fora, coisas com as quais eu sempre o ajudei, são

intensificadas em namoros. Namorar requer muita comunicação não verbal e o Sam é extremamente literal”.

Julia (Psicóloga): – “Sim, e há estratégias que posso ensinar a ele”.

Elsa (Mãe): – “Há mesmo? Há estratégias para lidar com um coração partido? O Sam está indo muito bem. Faz 32 dias que ele começou o terceiro ano e ainda não teve um ataque de pânico, então... Não quero pressioná-lo. Relacionamentos já são difíceis para neurotípicos. Não quero essa pressão no meu filho”.

Julia (Psicóloga): – “Foi feito um estudo há poucos anos, e os pesquisadores descobriram que apenas 9% dos adultos com autismo são casados. Não porque lhes falta vontade, mas porque não sabem como agir. Seu filho tem o mesmo desejo de ser amado que todos nós temos. Por que ele não pode tentar?”.

Elsa (Mãe): – “Ele ainda não está pronto”.

Julia (Psicóloga): – “É difícil para muitos pais verem seus filhos tornarem-se independentes. É muito natural. Então, se precisar conversar com alguém, posso lhe indicar um colega meu”.

Elsa (Mãe): – “Não... Não precisa. Obrigada por me receber”.

A cena acima mostra que muitas vezes os pais não estão preparados para encarar a realidade a independência de seus filhos, mas aqui se destaca o quanto a Elsa sente-se insegura, o que a coloca em um papel de mãe superprotetora que acaba por estigmatizar as possibilidades de vida do Sam. Como destaca Rocha e Mesquita (2018) quando falam sobre que a infantilização é proporcionada por uma superproteção por parte da família e por uma inexperiência da sociedade acerca do tema, além disso, estigmatizar o autismo prejudica o indivíduo a reconhecer sua sexualidade.

Os autores Dantas, Silva e Carvalho (2014) defendem que o reconhecimento da capacidade de desenvolvimento das pessoas com deficiência possibilita protagonismo e empoderamento com relação às decisões sobre sua sexualidade. Em *Atypical* é necessário que a Elsa liberte-se dessas ideias para então deixar o Sam construir a relação de interdependência, bem como vivenciar em sua vida a experiência da sexualidade. Uma pessoa que apoia a decisão do Sam é a Casey, sua irmã, em uma das cenas, ela explica para ele como ele pode conquistar uma garota e até o ajuda a criar um perfil em um site de relacionamento.

Bruns e Zerbinati (2017) discutem que a sexualidade é fundamental na construção da identidade, muito mais do que o ato sexual e a reprodução, a sexualidade afeta as relações e vínculos afetivo-sexuais durante toda a vida humana. A série *The Good Doctor* explora de forma contundente os relacionamentos do Shaun, de forma a destacar as relações afetivas do personagem. O Shaun começa a gostar da sua amiga Lea, porém é rejeitado, alguns episódios depois ele conhece Carly com quem Shaun começa a desenvolver um relacionamento. O relacionamento dos dois não segue adiante e a Lea ao perceber seus sentimentos pelo Shaun, alguns episódios depois, decide namorar com ele.

Porém, antes de começar o relacionamento, Shaun e Clary saem para o primeiro encontro em um restaurante, o Shaun no outro dia conta para os colegas de trabalho que foi um desastre, porém ninguém entende, pois ele conta sobre um encontro que até então foi perfeito, porém cabe destacar que pessoas que estão no espectro têm dificuldades na comunicação e nas interações sociais, como na cena abaixo:

Todos os colegas de trabalho questionam o Shaun sobre o desastre do primeiro encontro.

Shaun: – “Foi exaustivo. Tudo estava fora de controle. Podia acontecer qualquer coisa, a qualquer momento. E aconteceu. Era muita coisa para me lembrar de fazer, muita coisa para não fazer e nada fazia sentido. Foi difícil, desconfortável e desagradável. Passei a noite toda fazendo coisas não naturais para deixá-la feliz e nem sei se ela ficou. Mas eu sei que eu não fiquei! Foi um grande desastre”.

Após a cena acima, a Claire, residente do hospital e amiga do Shaun, fala que relacionamentos não são perfeitos, mas que ele encontrará alguém que corresponderá a ele. Como em um diálogo de *Atypical* entre Sam e seu pai, a ideia do reconhecimento sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Sam recebe conselhos sobre relacionamentos. Em um determinado momento o pai diz: – “Você é sensível, engraçado e a mulher que ficar com você terá sorte. [...] Você precisa estar com alguém que goste como você é que ame todas as suas esquisitices, que te entenda.” Após esse momento, o Sam que teve uma experiência ruim com relação a namoro, chega à conclusão de que poderá tentar de novo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo intermediário foi levantar textos culturais audiovisuais que tem entre seus personagens pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Nesse sentido, com base em pesquisas, dentre as quais pode destacar as indicações dos sites AdoroCinema e MinhasSéries e também pesquisas de palavras-chave no Google e em streamings, foram encontradas algumas obras que discursam sobre o tema. Cabe ressaltar que a autora deste presente monografia entende que a tabela não se esgota e que existem muitos outros trabalhos sobre o tema. Porém, acredita-se que este breve levantamento foi fundamental ao entrar no contexto da pesquisa ao permitir que a análise do objetivo principal fosse realizada.

Tabela 6- Objetivo intermediário

Objetivo Intermediário			
Levantar textos culturais audiovisuais que tem entre seus personagens pessoas com Transtorno do Espectro Autista			
Textos Culturais Audiovisuais	Tipos de Textos	País	Ano
O Garoto Que Podia Voar	Filme	EUA	1986
Rain Man	Filme	EUA	1988
Gilbert Grape - Aprendiz de Sonhador	Filme	EUA	1993
Missão Especial	Filme	EUA	2004
O Nome Dela é Sabine	Documentário	França	2007
Parenthood	Série	EUA	2010
Meu Nome é Khan	Filme	Índia	2010
Touch	Série	EUA	2012
Temple Grandin	Biografia, Drama	EUA	2014
Farol das Orcas	Filme	Espanha/Argentina	2016
Asperger's Are Us	Documentário	EUA	2016
Vida, Animada	Documentário	Rússia	2016
Pablo	Série infantil	Reino Unido	2017
The Good Doctor	Série	EUA	2017
Atypical	Série	EUA	2017

Malhação: Viva a Diferença	Novela	Brasil	2017
Love on the Spectrum	Reality show	Austrália	2019
Flutuar	Curta/Animação	EUA	2019
Tudo bem não ser normal	Série	Coreia do Sul	2020
Stimados Autistas	Documentário	Brasil	2020
Fitas	Curta/Animação	EUA	2020

Fonte: Elaborada pela autora

Com base no objetivo intermediário é notório o aumento expressivo no número de programas televisivos com personagens com TEA, principalmente no Século XXI, visto que o tema começou a ser discutido, ainda que de forma tímida. O filme *Rain Man* (1988) se destaca como uma das primeiras obras, que chamou atenção do público, com um personagem do espectro.

Os EUA se apresentam como o país com um número considerável de obras acerca do tema, porém é relevante o fato de que muitos outros países, como o Brasil, começaram a inserir personagens com TEA na sua programação, como exemplo, a novela *Malhação: Viva a diferença* com a personagem Benê, diagnosticada com Síndrome de Asperger (GSHOW, 2021). A novela que conta a história de cinco meninas com distintas personalidades e vivências recebeu o prêmio Emmy Internacional Kids 2018, na categoria melhor série. Cao hamburger, autor da novela, destaca que a novela tem a capacidade de “nos fazer lembrar de valores essenciais - como respeito e valorização dos direitos humanos, diferenças religiosas, culturais, raciais e de orientação sexual - e da educação pública, único caminho para o desenvolvimento do país” (GLOBO, 2019).

Os textos culturais são importantes na construção da ideia que a sociedade cria sobre os diversos grupos sociais oprimidos, pois a forma como essas representações são demonstradas nos textos reforçam ou eliminam estereótipos, preconceitos, discriminações e estigma quanto a esses grupos. A representação das pessoas com TEA nos textos culturais analisados representam avanços quanto a demonstrar as vivências e realidades.

A série *The Good Doctor*, dentre todos os outros textos analisados, demonstra cenas “capacitistas” que inferiorizam a capacidade do cirurgião do Shaun, bem como as interações sociais. Em contraste com o ponto acima, a série também demonstra as relações interpessoais

do Shaun, quanto a relacionamentos amorosos e entre amigos. O talento do Shaun como médico é diversas vezes questionado e em algumas vezes é levado a sério quando a situação do paciente está em sérias consequências.

As dificuldades de comunicação para pessoas com TEA são reforçadas em *Parenthood*, em muitas cenas percebe-se o quanto as dificuldades de interação afetam os personagens Hank e Max. Destaque para o diagnóstico tardio do personagem Hank que o ajudou a entender sua dificuldade com relações interpessoais que enfrentou durante toda sua vida e para o Max que com apoio da família, da fotografia e da escola conseguiu melhorar suas relações.

Atypical e *Parenthood* demonstram a realidade da maternidade, onde a mãe passa a dedicar sua vida ao seu filho, as personagens Elsa e Kristina conseguem representar as sensações de frustração com relação à maternidade e contam as duas buscaram grupos de apoio para lidar com o TEA. Em *The Good Doctor*, o personagem Shaun foi abandonado pelos pais, não foi possível identificar a relação da maternidade e em *Parenthood*, o personagem Hank é diagnosticado tardiamente, então não se pode definir com clareza a relação com a mãe.

No que diz respeito à maternidade, sentimento de frustração e sobrecarga sobre a mulher quanto à criação de filhos autistas, as representações em séries demonstram personagens que dedicam suas vidas a garantir uma qualidade de vida para os filhos, ao mesmo tempo em que sentimentos de frustração com relação à maternidade surgem quando expectativas não são atingidas.

Sobre as relações entre um irmão com TEA e um irmão neurotípico ficou evidente, nas séries *Parenthood* e *Atypical*, que as personagens Casey e Haddie em alguns momentos se sentiam prejudicadas com relação à atenção destinada aos irmãos, porém ao mesmo tempo sentiam a necessidade de protegê-los. Em *The Good Doctor* a relação entre o Shaun e seu irmão mais novo, mesmo que pouco explorada, retratava a superproteção do irmão com relação ao Shaun.

Atypical, dentre todas, parece ser a que mais contribuiu para uma representatividade não estereotipada, pois tenta retratar as mais diversas vivências e situações da vida do Sam, seja na escola, no trabalho e em outros ambientes, bem como explora as relações interpessoais com a família, amigos, namorada e sociedade.

Um ponto importante sobre as representações nas séries escolhidas é que nenhum dos atores que interpretam os personagens das séries analisadas tem TEA. Porém, uma cena de

grupo de apoio em Atypical existe uma interação com atores autistas, com exceção dos atores que interpretam o Sam e a orientadora, o que demonstra a necessidade de retratar outras formas de representação, incluindo representações com atores autistas.

É necessário entender que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, assim como pessoas de outros grupos oprimidos na sociedade, ao serem representados em Textos Culturais, de forma não estereotipada conseguem ter uma percepção diferente sobre seu papel na sociedade. Da mesma forma que a representação, quando não estereotipada, auxilia a sociedade quanto ao entendimento sobre a discriminação e estigmas que as pessoas com TEA enfrentam diariamente.

Por fim, a escolha do tema é necessária diante dos percalços e dificuldades que as pessoas com TEA enfrentam para garantir sua inclusão social. Essa pesquisa pretende contribuir para melhoria na qualidade de vida das pessoas com TEA e de seus familiares. E sugere à formulação de políticas públicas de suporte emocional as famílias de pessoas com TEA, visto que durante muitas vezes os familiares encontram dificuldades ou por falta de conhecimento ou por dificuldade em aceitar o diagnóstico.

A educação e o mercado de trabalho constrói a construção de identidade e pertencimento da pessoa com TEA, a partir do momento em que as pessoas com TEA encontram-se em um ambiente inclusivo. E com relação à educação, a administração pública deve formular políticas que orientem os familiares, os alunos autistas, educadores, funcionários e outros alunos sobre a importância de um espaço inclusivo, de troca entre todos os alunos e de respeito à diversidade em todos os ciclos educacionais, e também um mercado de trabalho inclusivo e diverso que explore as capacidades da pessoa com TEA.

Essa pesquisa também sugere à administração pública a formulação de políticas públicas que informem sobre o que é o Transtorno do Espectro Autista de forma a auxiliar a compreensão da sociedade, visto que o desconhecimento acerca do tema prejudica a inclusão social desses indivíduos, bem como o não cumprimento de leis. Assim como políticas que permitem à visibilidade da causa e luta por garantia dos direitos, com objetivo de garantir a inclusão social das pessoas com TEA e seus familiares.

Devido a poucos estudos sobre o Autismo em diversas áreas de estudo pretende-se contribuir para ampliação do debate da representatividade de pessoas com TEA e de outras deficiências em diversos textos culturais. Com relação a outros estudos, este trabalho pretende contribuir para a continuidade de estudos com a metodologia de Análise de Textos Culturais

sobre pessoas com TEA, bem como outras pessoas com deficiência e outros grupos oprimidos na sociedade.

Os temas abordados nesta monografia não se esgotam nos resultados encontrados. As séries, bem como outros textos culturais apresentam uma amplitude de cenas com distintas representações das pessoas com TEA, portanto faz-se necessário a realização de estudos futuros que abordem a representação das pessoas com TEA na sociedade, dentre os mais diversos textos culturais, pois são poucos os estudos relacionados a pessoas com deficiência. A tabela a seguir com sugestões de estudos futuros não se esgota na tabela elaborada pela autora.

Tabela 7- Sugestão de estudos futuros

Sugestão de possíveis estudos futuros
Análise da percepção que familiares têm sobre a representação de pessoas com TEA em séries.
Análise da representação das pessoas com TEA em filmes.
Análise da representação da maternidade atípica em séries
Análise da percepção que familiares têm sobre a representação de pessoas com deficiência em textos culturais.
Análise da percepção que familiares têm sobre a representação de pessoas com TEA em filmes.
Análise sobre a percepção que as pessoas com deficiência têm sobre as representações em séries.
Análise sobre a percepção que as pessoas com deficiência têm sobre as representações em textos culturais.
Análise da perspectiva mãe-mulher com relação a sua percepção sobre o TEA
Análise de documentários sobre a perspectiva das pessoas com TEA sobre a inclusão na sociedade.
Análise da representação das pessoas com deficiência em filmes.
Análise da representação das pessoas com TEA em documentários.
Análise da representação da relação entre mãe e filhos com deficiência em textos culturais
Análise da representação da educação inclusiva em textos culturais.
Análise da perspectiva das relações entre um irmão neurotípico e um irmão com TEA.
Percepção dos alunos com TEA sobre a educação inclusiva no ensino superior.

Fonte: Elaborada pela autora

REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. Atypical. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/series/serie-21143/>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. **Artmed Editora**, 2014.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, v. 11, n. 21, p. 160-173, 2001.

BARBOSA, Ana Karla Gomes; BEZERRA, Tarcilei de Maria Costa. Educação Inclusiva: reflexões sobre a escola e a formação docente. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5871/4973>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

BARBOSA, Heloisa Fonseca; GOMES, Adriana Leite Limaverde. A inclusão de pessoas com autismo no ensino superior: percepções discentes sobre o ingresso à universidade. In: **VI Congresso Nacional de Educação**. 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. **Edições 70**, 2016.

BARRETO, Lucas Silva; MEDEIROS, Cíntia Rodrigues de Oliveira; PAULA, Verônica Angélica Freitas de. Podem as pessoas com deficiência consumir? a representação incidental na publicidade e propaganda. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 21, 2020. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/6573>>. Acesso em: 06 set. 2021.

BATTISTELLA-LIMA, Suzana Valente; BOTELHO, Delane. A relação entre a culpa das mães e suas decisões de consumo. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 18, n. 2, p. 171-197, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/14893>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. Casa Civil. Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. Casa Civil. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência)**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. Casa Civil. Lei Nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências**. Brasília, 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CAMERON, C. Whose problem? Disability narratives and available identities. **Community Development Journal**, v. 42, n. 4, p. 501-511, out. 2007.

CARDOSO, Mayara Fernanda; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. Jovens irmãos de autistas: expectativas, sentimentos e convívio. **Saúde (Santa Maria)**, v. 41, n. 2, p. 87-98, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/revistasauade/article/view/15338>>. Acesso em: 09 set. 2021.

CEZAR, Pâmela Kurtz; SMEHA, Luciane Najar. Repercussões do autismo no subsistema fraterno na perspectiva de irmãos adultos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, p. 51-60, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100006>>. Acesso em: 09 set. 2021.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; STOPPA, Edmur Antonio. Lazer doméstico em tempos de pandemia da covid-19. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 460-484, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>>. Acesso em: 06 set. 2021.

COSTA, Luciane Silva da; ALMEIDA, Tânia Santana de; PEREIRA, Maxuell Machado; DIAS, William Jhone Ferreira; SANTOS, Alex Júnior da Silva. Escolarização de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista: O Perfil Comportamental numa Perspectiva Inclusiva. In: **8ª Jice-jornada de Iniciação Científica e Extensão**. 2017. Disponível em: <<https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/jice/8jice/paper/viewFile/8441/3986>>. Acesso em 19 ago. 2021.

CRESTANI, Luciana Maria; DA SILVA, Daniel Mulinari Prates. Cinema, leitura e ensino: uma trilogia de sucesso. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 10, n. 1, p. 19-41, 2021.

CRISOSTOMO, Kelly Nunes; GROSSI, Fabiana Regina da Silva; SOUZA, Rafaela dos Santos. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 3, p. 79-96, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/6098/609863970006/609863970006.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000400007>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

FARIA, Marina Dias de; CASOTTI, Leticia Moreira. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. **Organizações & Sociedade**, v. 21, p. 387-404, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-92302014000300003>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FLORENCIO, Cecília Helena Santiago; DE FARIA, Marina Dias. O Papel da Propaganda na Estigmatização de Pessoas com Deficiência. **Revista Cesumar-Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 26, n. 1, p. 39-52, 2021.

GARCÍA, Vinicius Gaspar. Panorama da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, p. 165-187, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-77462014000100010>>. Acesso em: 11 Ago. 2021.

GLOBO. 'Malhação: Viva a Diferença' vence prêmio no Emmy Internacional Kids. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/malhacao-viva-a-diferenca-vence-premio-no-emmy-internacional-kids.ghtml>>. Acesso em: 04 set. 2021.

GLOBOPLAY. Ficha técnica. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/the-good-doctor-o-bom-doutor/t/kmF21xZbHk/detalhes/>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Tradução: Mathias Lambert**, v. 4, 1988. Disponível em: <https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

GOMES, Leticia Ellen Florencio. SCATOLIN, Henrique Guilherme. Autismo e os desafios no mercado de trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 03, Vol. 09, pp. 153-168. Março de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340673893_Autismo_e_os_desafios_no_mercado_de_trabalho>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GOMIDE, João Victor Boechat; REZENDE, Humberto de Campos. Maratonas de vídeo e a nova forma dominante de se consumir e produzir séries de televisão. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 4, n. 1, p. 73–87| 89–102-73–87| 89–102, 2017. Disponível: <<https://rlec.pt/article/view/1814>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

GSHOW. Benê se emociona ao explicar a Síndrome de Asperger para o pai: 'Eu sou como todo mundo'. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/edicao-especial/vem-por-ai/noticia/bene-se-emociona-ao-explicar-a-sindrome-de-asperger-para-o-pai-eu-sou-como-todo-mundo.ghtml>>. Acesso em: 04 set. 2021.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo-Ação! A representação do autismo nas séries de TV. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 193, p. 13-22, 2017.

LEOPOLDINO, Claudio Bezerra; COELHO, Pedro Felipe da Costa. Processo de Inclusão de Autistas no Mercado de Trabalho. **Revista Economia & Gestão**, v. 17, n. 48, p. 141-156, 2017.

LIMA, Michelle Pinto de; TAVARES, Nathália Vasconcelos; BRITO, Tavares Mozar José;CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 42-68, 2013. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000200003>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

LOPES, Bruna Alves. Não Existe Mãe-Geladeira: Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019). 2019. Tese (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2922>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MACHADO, Eliany Salvatierra. A televisão como ampliação da esfera do ser e do gosto. In: **INTERCOM**, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/054137da0546acc3b46e832f5b592105.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, v. 6, n. 3, p. 90-101, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.21723/riaee.v6i3.5004>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, v. 16, p. 159-176, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/kYLkXPZsQVxZ85S95S3fQMz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: Entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Trama**, v. 17, n. 40, p. 56-66, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.48075/rt.v17i40.26199>>. Acesso em: 05 set. 2021.

MASSOLI, Letícia Paulina De Oliveira; ALVES, Stephanie Cristine; ESPER, Marcos Venicio. Contexto familiar de crianças com deficiência. **Construção psicopedagógica**, v. 28, n. 29, p. 7-20, 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v28n29/02.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

MORAES, Carolina de Medeiros Reis; SCORALICK, Kelly. O outro com deficiência na TV: uma análise da representatividade por apresentadores e repórteres no telejornalismo e demais gêneros televisivos. **ANALECTA-Centro Universitário Academia**, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/2748>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

NUNES, Erik Ferreira; FURLAN, Adriana Aparecida. A Importância da Comunicação no Espaço Educacional para a Construção da Identidade Social das Pessoas com Deficiência. **Revista Pluri Discente**, v. 1, n. 3, 2021. Disponível em: <<http://pluridiscente.cruzeirodosulvirtual.com.br/index.php/pluridiscente/article/view/81>>. Acesso em: 06 set. 2021.

OLIVEIRA, Marileide Antunes de; GOULART JÚNIOR, Edward; FERNANDES, José Munhoz. Pessoas com deficiência no mercado de trabalho: considerações sobre políticas públicas nos Estados Unidos, União Europeia e Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 15, p. 219-232, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382009000200004>>; Acesso em: 11 ago. 2021.

ORLANDI, Renata; GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Educação sexual e deficiência intelectual: desafios educacionais na efetivação dos direitos sexuais. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/4743/1752>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

ORMEZZANO, Graciela; POTRICH, Cilene Maria; FRIDERICHS, Bibiana; CORDEIRO, Lílian. Cultura e estereótipos veiculados pela televisão. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 8. Passo Fundo, 2005. Trabalho apresentado no grupo de trabalho de Audiovisual, Passo Fundo/RS. 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0054-1.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

PARENTHOOD WIKI. The Characters. Disponível em: <https://parenthood.fandom.com/wiki/Parenthood_Wiki>. Acesso em: 07 ago. 2021.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BARTH, Mauricio; NUNES, Raona. Televisão e serialidade: formatos, distribuição e consumo. **Cadernos de comunicação**, v. 20, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/4c5f/449390c10b9081fc64853f3b113ca74db3c8.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

ROCHA, Maria Vital da; MESQUITA, Ana Carolina da Costa de. Liberdade Sexual: autismo e a disposição ao próprio corpo. **Revista Duc In Altum Cadernos de Direito**, vol. 10, nº 22, set-dez, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/54694>. Acesso em: 29 jul. 2021.

RODRIGUES, André Iribure. As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas. 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13806>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SCORALICK, Kelly. Audiodescrição no telejornalismo: a inclusão das pessoas com deficiência visual por meio da descrição das imagens. **Educação e Fronteiras**, v. 10, n. 28, p. 90-102, 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/13025>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SCORALICK, Kelly. Telenovela brasileira: fascínio, projeção e identificação. **Revista Geminis**, v. 1, n. 1, p. 68-81, 2010. Disponível em: <<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/9/7>>. Acesso em: 06 set. 2021.

SHIBUTA, Vallery; COSTA, Igor Favaro da; SANTOS, Fernanda Pimentel dos. Inclusão do Autista no Ensino Superior Público. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 7, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A1>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SILVA, Ana Claudia Neves da; PASSOS, Lucas da Silva Falcão; FREITAS, Ricardo Oliveira de. A representatividade feminina em séries: Uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de GreysAnatomy. **Intercom**, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1909-1.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista brasileira de educação**, v. 11, p. 424-434, 2006. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/PHRtMwS Rc zTyhHHfLfQ3Csj/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 20 jul. 2021

SIQUEIRA, Denise; DORNELLES, Tarso Germany; DE ASSUNÇÃO, Sabrina Mangrich. Experienciando capacitismo: A vivência de três pessoas com deficiência. Estudos da deficiência, **Editora CRV**, p. 145, 2020. Disponível em: <<https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/35413-crv>>. Acesso em: 05 set. 2021.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, p. 43-50, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 21 jul. 2021.

STEFFEN, Luciana; MUSSKOPF, André Sidnei. Direitos sexuais e direitos reprodutivos das pessoas com deficiências: implicações teológicas. **Mandrágora**, v. 21, n. 2, p. 39-65, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v21n2p39-65>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

TECMUNDO. Atypical. Minha Série. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/atypical>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

TECMUNDO. Parenthood. Minha Série. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/parenthood>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

TECMUNDO. The Good Doctor. Minha Série. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/the-good-doctor>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

TOLDRÁ, Rosé Colom; MARQUE, Cecília Berni de; BRUNELLO, Maria Inês Britto. Desafios para a inclusão no mercado de trabalho de pessoas com deficiência intelectual: experiências em construção. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 158-165, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14099>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa. São Paulo: **Atlas**, 2006.

VICENTE, Helena Patrícia. Presença e percepções dos profissionais negros nos programas de informação e entretenimento na televisão portuguesa. 2019. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/19525>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

VIEIRA, Ana Carla. Sexualidade e transtorno do espectro autista: relatos de familiares. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/143824>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

VIEIRA, Mônica de Fátima Rodrigues Nunes; COSTA, Ana Paula Silva Ladeira. Oferta de produção audiovisual durante a pandemia de Covid-19: estratégias e adaptações da Rede Globo e Netflix. **RuMoRes**, v. 29, n. 15, p. 300-328, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/185187>>. Acesso em: 06 set. 2021.

WELTER, Ivânia; CETOLIN, Sirlei Fávero; TRZCINSKI, Clarete; CETOLIN, Simone Kelli. Gênero, maternidade e deficiência: representação da diversidade. **Textos & Contextos** (Porto

Alegre), v. 7, n. 1, p. 98-119, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/3941>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

WUO, Andrea Soares. Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 210-223, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2019.v28n3/210-223/pt>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ZANATTA, Elisângela Argenta; MENEGAZZO, Ediane; GUIMARÃES, Andréa Noeremberg; FERRAZ, Lucineia; MOTTA, Maria da Graça Corso da. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602/11276>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ZOLA, Irving Kenneth. Toward the necessary universalizing of a disability policy. **The Milbank Quarterly**, v. 83, n. 4, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1468-0009.2005.00436.x>>. Acesso em: 11 ago. 2021.